TERCEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA

TEXTO: LUCAS 4.16-30

1 O tema principal e as leituras do Domingo

Estamos na terceira semana do tempo de epifania deste ano. O conjunto das leituras apontam para a importância da pregação em lei e evangelho, tendo como centro desta mensagem o próprio Cristo como a pedra de toque entre o juízo e a salvação provinda de Deus. A leitura principal deste Domingo é o evangelho de Lucas, donde se expande o contato para as demais leituras do dia.

Salmo 19.(1-6)7-14: O salmo 19, de autoria apontada a Davi, enaltece a revelação da glória do Senhor pela natureza, mas especialmente pelo grande valor de sua Palavra, inspirada aos homens. Pela fé, o salmista declama o valor e o prazer (v.10) de ser instruído pelo Senhor Deus através da Palavra. E enaltece a Lei do Senhor enquanto norma para sua vida, depois que ela lhe trouxe a consciência de sua impotência pessoal, de ser desnudado em sua condição de pecador (2º uso da lei).

É o que percebemos entre os vv.11-13, quando o salmista se dá conta que a própria consciência não é apta para esclarecer-nos acerca do nosso pecado. O apóstolo Paulo esclarece-nos acerca dessa incapacidade pessoal quando afirma que não possuía discernimento correto de suas ações e, enquanto perseguidor da Igreja, julgava estar realizando boa obra perante o Senhor. Somente pelo estudo da Palavra, tendo Cristo como a chave hermenêutica, tomou consciência de seu estado de condenação, e passou a viver nova consciência, por meio da justiça que procede da fé (At 91-22; 22.6-16; 26.12-18; Gl 1.1-17).

A instrução neste trecho do salmo aponta-nos para a dura realidade de que não somos capazes de realizar descrição minuciosa de nossos pecados. É por essa razão que Lutero, em sua exposição acerca do valor da confissão de pecados aponta, no Catecismo Maior, que o valor da mesma só tem sentido quando visto à luz da graça divina, ofertada pela Absolvição e o Sacramento do Altar.

> *Quem não quiser ir à Confissão de forma espontânea e por causa da absolvição, que esqueça a confissão. Sim, também deve ficar longe dela quem vai por causa da obra, pensando em como a*

> *confissão é pura e completa. Nossa admoestação é para que você faça confissão e apresente a sua necessidade, não para que veja nisso uma obra que você faz, mas para que você ouça o que Deus tem a lhe dizer. Reafirmo que você deve levar em conta a palavra ou a absolvição, considerando-a como algo grande e precioso, como um grande e excelente tesouro a ser recebido com muito respeito e gratidão" [...] "Nós não dizemos que o objetivo da confissão é mostrar a nossa sujeira ou permitir que, como num espelho, contemplemos o nosso pecado. Pelo contrário, nosso conselho é este: se você é pobre e miserável, então venha à confissão e faça uso deste remédio salutar. Quem sente a sua miséria e conhece a sua necessidade terá tanta vontade de receber esse remédio, que virá correndo com alegria" (Livro de Concórdia, 2021; pp.516,517).*

Com uma consciência renovada e um coração perdoado o salmista encerra este lindo cântico, como um verdadeiro cristão, suplicando pelo privilégio de poder enaltecer a glória do Senhor que é seu alicerce e redenção: "As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu!"

Neemias 8.1-3, 5-6, 8-10: A seguinte leitura, situada no período do império persa, retrata-nos eventos ocorridos durante a reconstrução dos muros de Jerusalém e a reforma religiosa nos dias do sacerdote Esdras.

Esdras assume a função de pregador da palavra, pois não se limitou à leitura da Palavra, mas a explicou, juntamente com levitas que estavam junto ao povo, a fim de que todos a entendessem claramente. Diz o texto: "Esdras, o sacerdote, trouxe a Lei diante da congregação, composta por homens, mulheres e todos os que eram capazes de entender o que ouviam [...] Eles iam lendo o Livro da Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que o povo entendesse o que se lia" (v.2,8). E esta palavra produziu frutos dignos de arrependimento e conversão. Conforme ouviam a pregação, o povo tomou consciência de seus pecados, e o quão distante a sua justiça estava da exigência do Senhor (v.9). Mas ao mesmo tempo em que eram constrangidos por seus pecados, os pregadores também os consolavam com o evangelho. De modo que aquelas pessoas puderam experimentar as lágrimas do arrependimento, bem como a alegria do perdão. O Deus epifânico em sua palavra de lei e evangelho permanece conosco, e realiza os mesmos feitos através do culto e a pregação.

Bruce Hartung[1] acrescenta uma reflexão em torno do valor estruturante que a Palavra oferece à comunidade cristã de todos os tempos. Tomando o a orientação de Paulo à Timóteo, reconhecemos o valor da Escritura também no ensino para uma vida santa e hábil para a justiça diante do Senhor (2Tm 3.16-17). A centralidade organizadora de nossas vidas e congregação deve estar sobre a Palavra de Deus, que aponta para Cristo, o nosso Mediador e Redentor. O povo, verdadeiramente motivado pelo Senhor, é enviado pelos pregadores para compartilhar sua alegria com ações de graças e de amor ao próximo em situações de necessidade (v.10). Esse envio, por graça, também está presente em nossas liturgias, logo após o Sacramento do Altar. Estaria aqui, uma oportunidade de acentuarmos o caráter missional da Igreja, mobilizados pela graça recebida na Comunhão do altar. Seria esta mais uma forma atualizada da epifania do Senhor?

1 Coríntios 12.12-31: A terceira leitura oferece conexão com os demais textos pelo seu revés. Ao contrário do que percebemos no texto de Neemias, A Igreja de Corinto estava confusa quanto ao propósito do evangelho pregado entre eles. A Cristo, o Cabeça da Igreja, alicerce estruturante de nossa vida, deve ser oferecida glórias. Não se trata de trazer o foco para indivíduos (1Co 31.1-11), e sim para Cristo. Esse é o equívoco e pecado tão gravemente denunciado por Paulo no texto. Trocaram a agenda de Cristo por suas próprias agendas de valor e tornaram os dons carismáticos como meios de projeção pessoal sobre os demais. Assim, ofuscavam a luz de Cristo, contrariando a vontade do próprio Espírito. Tanto o Filho quanto o Espírito, embora distintos em suas funções no cuidado da Igreja, não estão em desarmonia. O espírito e o Filho comunicam a vontade do Pai. O Filho, pelo fiel cumprimento da justiça e o sacrifício vicário na cruz. E o Espírito Santo testificando a validade da Palavra, aponta-nos a justiça de Cristo como nossa única salvação. Também une os diversos membros da igreja para atuarem em cooperação mútua, revelando por meio da pregação e dos dons, o seu Redentor.

Lucas 4.16-30: A última leitura deste dia descreve como a epifania intimamente conectada à pregação. Jesus está em uma sinagoga de Nazaré, com a oportunidade de ensinar o sentido da profecia de Isaías (61.1-2). A profecia messiânica revela o Cristo, e este a declara como cumprimento perante os seus ouvintes (v.21). É pelo Cristo que vem sobre todos os pecadores o ano jubilar do Senhor (v.19; Lv 25.10,13,39-41; Is 61.1-2). Mas esse tema nós observaremos a seguir.

---

[1] Comentário à perícope de Neemias, disponível em : https://concordiatheology.org/2010/01/epiphany-3-%c2%b7-nehemiah-81-3-5-6-8-10-%c2%b7-january-24-2010/

2 Aprofundamento do texto para a mensagem: Lucas 4.16-30

O relato lucano destaca os primeiros atos de Jesus após seu batismo e tentação no deserto. Não há indícios, senão pelos sinóticos, de que já tivesse recrutado seus discípulos. Mas é justo ressaltarmos o contraste entre a aceitação da pregação de Jesus em Nazaré e as demais cidades da Galileia (vv.14-15).

Vv.16,17: A sabedoria de Jesus se tornou notória entre os judeus da Galileia. Era de se esperar que na sinagoga da cidade em que viveu desde a sua infância lhe dessem a oportunidade de trazer uma palavra de esclarecimento aos ouvintes locais. A leitura prevista para aquele encontro era o texto de Is 61.1-2. De modo semelhante ao que lemos há pouco sobre Esdras, Jesus não ficou limitado apenas à leitura da palavra. Todos aguardavam, atentos ao que ele traria de sabedoria para eles.

Vv. 18,19: A profecia fora proclamada inicialmente pelo profeta Isaías, cerca de 700 anos antes de Cristo. Essa passagem bíblica faz parte do conjunto dos Cânticos do Servo, e neste trecho, aponta-o como pregador/profeta ao afirmar que ele vem para "pregar" (boas novas aos pobres, libertação aos cativos e o ano de libertação do Senhor). O ano jubilar é um tempo de profunda significância para o povo hebreu, desde os tempos antigos. Foi o modo distinto de Deus demonstrar a sua graça ao povo. Também um estímulo para que a exercitassem entre os seus compatriotas (Lv 25). E pelas palavras de Isaías o Senhor estava prometendo mais que um tempo de restituição de terras e anistia financeira. Ele anunciava a remissão dos pecados. O Messias – Jesus, estava presente para sanar o problema da dívida impagável – nosso pecado e a separação imposta entre nós e o Criador.

Vv.22-23: entre o encantamento e o ceticismo. Assim podemos resumir este trecho. Os moradores de Nazaré estavam cheios de expectativas para ouvir Jesus. Ele havia pregado em outras províncias e realizado proezas entre eles. Agora, junto aos de sua própria infância, aguardavam provas maiores de seu poder. Esperavam um afago ou entretenimento pelo filho de José. No entanto, ouviram-no autoproclamar-se Messias perante eles. A declaração de Jesus era muito contundente e poderia custar-lhe a condição de blasfemo. Eles tinham a oportunidade de interrogá-lo para identificar outros sinais de sua identidade, mas optaram por ignorá-lo por conta de sua história pregressa naquela cidade. **Ele é o filho de José**… Eles o reputaram por carpinteiro, desprezando o conteúdo de sua pregação e a graça divina que provinha de sua boca. Tal situação nos dá oportunidade de para refletirmos sobre a distinção entre o pregador e a pregação. Por um

lado, vivemos em dias em que alguns pregadores assumem, seja por si mesmos (vaidade) ou pela mídia em torno de si, maior valor do que a mensagem que compartilham. São homens que movimentam grandes quantidades de pessoas e recursos financeiros com pregações que beiram a coaching espiritual[2]. Por outro lado, é necessário valorizarmos àqueles que sob o chamado divino comunicam-nos a vontade do Pai, e pelo santo ofício do Ministério administram-nos o perdão e sabedoria divinas.

Vv. 24-27: O filho de José conhecia-lhes o coração e a descrença. Como feito por Paulo aos coríntios, Jesus denuncia o ceticismo de seus ouvintes. Apontando ao passado, pelos relatos bíblicos de que a graça divina foi estendida aos estrangeiros (1Rs17.8-16; 2Rs 5.1-14), por conta da rebeldia e descrença dos hebreus, agora está prestes a repetir o feito em Nazaré, porque aqueles o enalteciam, tentarão contra sua vida.

A lei do Senhor denuncia a incredulidade. Diante disso, somos capazes de atitudes devastadoras de ódio ou de terror. Sim, a lei, por si mesma, não promove vida. É necessário que preguemos em equilíbrio com o santo Evangelho. O ano jubilar ou o Favor do Senhor está disponível para todos os que se encontram sob a marca da culpa o pecado. Não há outro lugar de paz senão sob o manto da justiça de Cristo. O Ano do Favor do Senhor compreende este tempo que vivemos, selados pelo Santo Batismo, reconfortados pela Absolvição litúrgica e o Sacramento do Altar. Não nos compete distinguir que é digno do Favor do Senhor, como se por meio das obras particulares alguém tenha prerrogativa de salvação. Todos pecaram, e estão impossibilitados de conquistar o Favor do Senhor. Mas, pela graça, sem obras, senão as de Cristo em nosso benefício, temos acesso à morada do Pai e somos, de fato, os seus favoritos.

Vv. 29-30: A rebeldia dos ouvintes da pregação tornou-se em ódio e desejo de morte. Tentaram jogar Jesus em um precipício, mas o Messias passou por entre eles e foi embora. Não puderam tirar a vida de Jesus porque ainda estava fora do tempo. Reforça o efeito da afirmação de Jesus de que a sua morte não seria acidental, nem se daria em circunstâncias alheias à sua vontade (Jo 10.18). Ele ofereceu-se voluntariamente para a salvação de todos nós.

3 O que eu pregaria?

---

[2] Indicação de títulos de livros sobre o assunto disponível em : https://www.google.com/search?q=coaching+espiritual+livro&sxsrf=AOaemvI72w1kjcgHDj-Z0kNXgJURcI9Q4g:1639544914527&source=lnms&tbm=shop&sa=X&ved=2ahUKEwiMv-ThhOX0AhXcCrkGHdMbCCUQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=663&dpr=1

A pregação para este domingo parece-me muito voltada para a importância da pregação como uma da maneira da epifania do Senhor estar entre nós. A pregação verdadeira denuncia o nosso pecado, nossa presunção de favoritismo devido às agendas que apresentamos diante do Senhor, com obras, reinvindicações e restrições discriminatórias acerca de quem deve ou não compartilhar do nosso céu. A pregação verdadeira se ocupa em lançar o seu foco em Cristo, o alicerce e cabeça estruturantes desse complexo orgânico chamado santa igreja cristã. A partir de Cristo, podemos desfrutar do favoritismo do Pai. Em Cristo, e pelo Espírito, temos acesso a paz e a liberdade de viver com o Pai e para Ele.

Tema: Desfrutemos do favoritismo do Pai

I. Porque nossas obras não nos garantem o favor do Pai.

a. A presunção dos nazarenos como parte de nossa agenda de predicados

II. Porque Cristo nos garante o favor do Pai

b. O Jubileu pela Antiga Aliança e a Nova Aliança

III. Para repartirmos com os que não tem o que temos, em Cristo.

c. A alegria de descrita pelo salmista e pelos israelitas pós-exílicos.

Rev. Érisson Lima Ferreira